

Economia Brasil Votação no Senado deve ser rápida

Denise Rothenburg
Da equipe do **Correio**

O acordo entre o governo, o Fundo Monetário Internacional (FMI) e uma série de instituições será aprovado em tempo recorde pelo Senado. Mas isso não significa que os parlamentares estejam satisfeitos. Em todos os partidos há reclamações. O clima é de absoluto desânimo. A maioria dos senadores considera que o governo colocou o Senado contra a parede, ao enviar tudo a toque de caixa, sem possibilidades de mudanças. Este era o pensamento tanto dos aliados quanto dos oposicionistas.

Enquanto os senadores governistas reclamavam a portas fechadas, os oposicionistas falavam abertamente. O senador Roberto Requião (PMDB-PR), por exemplo, foi direto: "Eles (do governo) levaram meses para fazer essa patifaria e agora querem nos dar duas horas para analisar, antes que o ministro chegue aqui", reclamava Requião,

prometendo votar contra.

O senador Jefferson Peres (PSDB-AM) também reclamava, mas mantinha seu voto fiel ao governo. "Eu não tenho muito o que fazer. Todos dizem o mesmo aqui: temos que aprovar logo senão quem perde é o País. Há um verdadeiro sentimento de impotência, mas não temos muito o que fazer porque tudo já está acertado e fechado."

Líder do PT na Casa, o senador Eduardo Suplicy (SP) não pensava assim. Ele apresentou uma série de restrições ao acordo e suspeitava que havia mais garantias do que as inscritas nos documentos apresentados ontem e que a situação do país poderá ficar ainda pior se alguns pontos não forem, pelo menos esclarecidos. Por isso, passou a manhã estudando os textos do acordo.

Para explicar as suas posições, Suplicy citou como um exemplo uma resolução do Senado norte-americano, aprovada em março deste ano. A resolução diz que uma das

exigências colocadas pelos senadores dos Estados Unidos é a de que o país que capta um empréstimo internacional não pode dar subsídios a determinados tipos de indústria, o que, segundo Suplicy, representa uma forma de conter as exportações brasileiras.

"Diversos economistas de peso, entre eles, Martin Feldstein, que foi chefe da assessoria econômica do governo Reagan, têm criticado a forma pela qual os países ricos, sobretudo os Estados Unidos, vêm usando o FMI para fazer avançar seus objetivos nacionais nos países em desenvolvimento que recorrem ao Fundo.

O ministro das Relações Exteriores, Luiz Felipe Lampreia, está preocupado com a implantação da área de Livre Comércio das Américas nos termos propostos pelos norte-americanos. Será que, agora, depois desse acordo, teremos como resistir? Acho que ficará mais difícil.", disse Suplicy, referindo-se à resolução do Senado dos EUA.